

# EXÍLIO, MEMÓRIA E IDENTIDADE CRIOLA EM 15 DIAS DE REGRESSO

*Kleyton Ricardo Wanderley Pereira (UFRPE)*

*kleytonrwpereira@hotmail.com*

## **Introdução**

Recentemente inúmeros acontecimentos chamaram a atenção da mídia mundial: milhares de pessoas fugindo desesperadamente de seus lugares de origem por diversos motivos, pacífica ou violentamente, migrando desde pequenas distâncias até atravessando mares e terras para atingir outros continentes, principalmente a Europa, e poder construir uma nova vida, um novo recomeço. Diante disso, somos impelidos a refletir criticamente sobre o tema da diáspora e seus desdobramentos na literatura.

Enquanto tema de análise, a diáspora não é novidade. Uma das narrativas mais antigas conhecida está no livro bíblico do Êxodo e conta a história de dispersão do povo judeu em várias comunidades no mundo inteiro e sua longa espera pelo retorno à terra prometida. Durante sua história, os judeus sujeitaram-se a regimes diversos: alguns foram escravizados, outros feitos prisioneiros, enquanto a maioria conseguiu manter sua liberdade. Estes últimos procuravam não se misturar com outros povos, formando grupos homogêneos, cada qual com um chefe reconhecido pelas autoridades do país em que estavam fixados, fortalecendo o sentimento nacional e o sentimento de que voltariam à Jerusalém. (Cf. MONLOUBOU; DU BUIT, 1996, p. 273).

Nesse sentido, os exílios configuram uma ideologia, seja ela religiosa, mítica, política, econômica ou social. E em todos o resgate do imaginário do *homeland* procura, através de um ato fundador, sob novo céu, recompor a célula doméstico-familiar, ou seja, a *Terra Mater* de onde foram retirados por forças diversas.

As diásporas contemporâneas distinguem-se das tradicionais por, dentre outras características, não necessariamente reclamarem um retorno ao país de origem. Sendo assim, sua problemática envolve vários pontos de vista e evoca um complexo rizomático interdisciplinar de áreas e teorias a fim de analisar seus vários processos de formação com efeitos positivos e negativos. Mesmo assim, apesar da atualidade e diversidade do tema, “existe ainda uma grande lacuna na análise e avaliação da diáspora em geral, mas especialmente no seu impacto no desenvolvimento dos seus países de origem.” (FERREIRA *et alli.*, 2008, p.31).

O que pretendemos ao longo desse texto é fazer uma breve reflexão sobre o tema da diáspora e seus desdobramentos nas literaturas, de maneira particular tecendo um panorama das africanas de língua portuguesa, e passarmos à análise do romance *15 dias de regresso*, da escritora santomense Olinda Beja.

### **Diáspora, Exílio, Memória e Identidade**

Em seu étimo grego, o verbo *diaspeiró* (*διασπείρω*) significa “passar através de todos os lados, dispersar”. O termo Diáspora [gr. *διασπορά*], justaposição dos termos *speiro*, que significa “semear”, “dispersar”, e a preposição *dia*, “através”, designa um processo abrupto, mas natural, de dispersão das sementes desde um corpo de origem que, ao mesmo tempo em que dispersava, reproduzia o organismo, significando tanto dissipar, como semear. Assim, ela designa um movimento de dispersão reprodutiva, ou disseminação, por todas as partes.

Por volta do ano 250 a.C., numa tradução da Torá realizada por eruditos judeus, o termo diáspora já havia sido incorporado pela cultura judaica e era utilizado não só para designar a dispersão do povo hebreu pela ira divina do Antigo Testamento, como ameaça e/ou castigo, mas também para descrever o exílio da elite de Jerusalém de 586 a 530 a.C. Tempos depois dessa tradução, o termo foi usado para referir-se às comunidades judias importantes e que estavam bem estabelecidas naquela região e, pouco depois, ‘diáspora’ foi usado, por extensão, a todos os judeus do mundo greco-romano<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Esse movimento de dispersão do povo judeu pela Europa antiga se deu após a destruição do Templo e o assalto de Jerusalém pelas legiões romanas e, principalmente, após a repressão do

No caso dos judeus no mundo helênico, por sua vez, as primeiras comunidades diaspóricas se resumem a uma classe de sacerdotes e escribas associados com o templo e a elite da linhagem de Davi, não se dispersou uma população inteira nem se destruiu a pátria. Além disso, não se formaram como resultado da coação, mas sim pela migração de judeus que buscavam melhores oportunidades econômicas.

Assim, durante quase quatro séculos, a diáspora judaica não possuía as características que depois seriam consideradas essenciais para definir uma comunidade como diáspora: em seu início, o elemento da saída forçada e traumática estava ausente (Cf. TÖLÖLYAN, 2011b, p.60). Tempos mais tarde, o sentido da diáspora se encheu dos sofrimentos que acompanham muitos tipos de exílio, principalmente com a produção de uma literatura de lamentação que se (re)produziu entre várias comunidades de judeus dispersos pelo mundo, principalmente pela Península Ibérica.

A partir de então, prevaleceu nos estudos da diáspora (e até hoje prevalece em alguns centros de debate) uma definição centrada na experiência traumática dos judeus, baseada numa religião e língua comuns, numa memória coletiva de independência, num desejo de retorno a sua terra natal (*homeland*), aquela prometida pela aliança com Javé.

Partindo dessa experiência em particular, William Safran (2011, p. 32) aponta algumas características constitutivas dos povos diaspóricos. São elas: 1) tenham sido dispersados de um 'centro' específico para duas ou mais regiões 'periféricas'; 2) conservam uma memória coletiva, visão ou mito acerca de sua pátria; 3) crêem que não são – ou talvez não possam ser – totalmente aceitos na sociedade anfitriã; 4) vêem sua pátria ancestral como seu verdadeiro lugar ideal e para onde

---

messianismo pelo imperador Adriano, como será visto mais adiante no texto, mudando o próprio conceito do termo diáspora, incorporando a ele o sentido trágico e sobre-humano do exílio judaico. Segundo a pesquisadora e estudiosa das literaturas do exílio Maria José de Queiroz (1998, p.25), "O primeiro êxodo assinala o nascimento do povo eleito [...]. Só o cativo e o exílio em Babilônia garantem-lhe o perdão e aplainam os obstáculos para novas jornadas. [...] Se apurarmos rigorosamente o que ocorreu, [...] acabaremos por convencer-nos de que toda a miséria e toda a tragédia do exílio, no que tem de sobre-humano e de enaltecido mas, também, no que tem de mesquinho e desprezível, cumpre-se de modo definitivo e inexorável nas suas diásporas."

retornarão quando chegar a hora certa; 5) crêem que estão empenhados na conservação ou restauração de sua pátria original, sua segurança e prosperidade; 6) continuam relacionando-se pessoal e indiretamente com essa pátria de alguma maneira.

De acordo com o crítico armênio Khachig Tölölyan, atualmente o termo diáspora é apenas um dos utilizados para designar as várias formas de dispersão e mobilidade de sujeitos e comunidades entre territórios. Dessa maneira, compreendendo um cenário semântico mais amplo, ela inclui palavras como: imigrante, refugiado, desapropriação, desterritorialização, deslocamento, exílio, nostalgia, memória, comunidade no estrangeiro, comunidade étnica, entre outras que se tornaram palavras-chave para a noção das diásporas contemporâneas, e termos como hibridismo, transnacional, identidade cultural e fronteiras também desempenham um papel significativo na identificação de temas diaspóricos. Segundo Tölölyan (2011a, p.5):

Other forms of mobility and dispersion include migration intended to acquire education, jobs, land, settlement, new citizenship, or a combination thereof; there are also mobile traders and itinerant laborers who circulate between homeland and extraterritorial opportunities; there are victims of mass deportations, refugees and asylum seekers – some choose mobility, others have it thrust upon them; some are uprooted, others uproot themselves. Some eventually return home, many are assimilated, and the remainder may become consolidated into diaspora communities<sup>2</sup>.

Dois termos sempre presentes nas discussões sobre a diáspora são o êxodo e o exílio. Em sua tese sobre a melancolia na diáspora portuguesa, Zuleide Duarte (1999, p.26) distingue entre as formas da seguinte maneira: a primeira, partida representada pela atitude voluntária do emigrante; a segunda, do latim *ex-ilium*, por sua vez, saída forçada em que o sujeito é obrigado a deixar a sua pátria, seu lugar

---

<sup>2</sup> Tradução nossa: Outras formas de mobilidade e dispersão incluem a migração na intenção de conseguir educação, empregos, terra, acomodação, nova cidadania ou uma combinação destes; há ainda comerciantes móveis e trabalhadores itinerantes que circulam entre a pátria e oportunidades extraterritoriais; há as vítimas de deportação em massa, refugiados e quem procure asilo – alguns escolhem a mobilidade, outros a têm imposta a si; alguns são arrancados, outros se arrancam a si mesmos. Alguns eventualmente voltam pra casa, muitos são assimilados, e o restante pode se consolidar nas comunidades diaspóricas.

de origem, muitas vezes como uma forma de condenação onde o sujeito não tinha o direito de escolher o lugar onde exilar-se, pois se assinava a ele uma residência obrigatória.

A narrativa mais antiga e conhecida sobre o êxodo, que em grego significa “via (de saída)”, “caminho”, é a do segundo livro do Antigo Testamento e do Pentateuco, logo após o livro do Gênesis. Segundo a tradição hebraico-cristã, sua autoria é atribuída ao profeta Moisés, e relata como este conduziu os israelitas do cativeiro do Egito pelo deserto por quarenta anos até a chegada na terra prometida e o estabelecimento da aliança entre Javé e seu povo. Neste sentido, o livro do Êxodo marca o nascimento do povo de Israel, da sua fé e a importância da memória de sua saída do Egito.

A palavra exílio também está intimamente ligada aos demais temas da desterritorialização, da dispersão. Num estudo sobre a literatura do exílio, Maria José Queiroz afirma que a condição de exilado remonta ao ano 2000 a.C., quando um imperador egípcio banuiu um cidadão chamado Sinuhe. De acordo com a pesquisadora (1998, p.20), nos papiros encontrados havia a opinião do exilado sobre sua punição aplicada severamente por força das leis, dizendo: “ir para o exílio não estava escrito na minha mente nem no meu coração. Eu me arranquei por força do solo onde estava”.

Atualmente, as diásporas tornaram-se processos históricos vinculados às dinâmicas do capitalismo global e da interação complexa de relações de poder dentro e entre nações de origem e fixação. Segundo Khalid Koser (2003, p. xvii):

The tumultuous patterns of social, cultural and economic dislocations of global capitalism and the complex interplay of power relations in and across nation-states has often been associated with the creation of vast interconnected global systems of cultural, economic and social relations and the decentering of the people, objects and ideas that move across the ‘hypermodernity’ of late capitalism. [...] Images of disjunction and the proliferation of identities in motion replace ‘essential’ markers of identity and boundary. The figure most commonly associated with the borderlands and interstitial zones of

this world, caught between at times reconfigured national spaces, are the migrant, of diaspora communities.<sup>3</sup>

A partir de então, é possível trilhar novos caminhos críticos para o estudo das identidades culturais. Isso porque a experiência diaspórica é definida por uma concepção de identidade reconhecida na diferença, que constantemente se produz e reproduz (Cf. HALL, 2000, p.31). Essas diferenças, no entanto, não são estruturadas por oposições binárias, mas sim por relações heterogêneas e posicionamentos dinâmicos, conflituosos e complementares, que procuram constantemente minar a hegemonia dos discursos oficiais.

### **Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Diáspora**

Acompanhando as transformações sociais e políticas, a formação das literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) é fruto de um doloroso e longo processo transcultural, que vai da completa alienação na qual as Áfricas de maneira geral foram imersas, passando pela libertação desse estado – onde a literatura teve um papel fundamental ao engajar-se nas raízes profundas da realidade social –, a partir dos anos 40 e 50 do século XIX, com o surgimento de um jornalismo crítico ao julgo colonial, chegando até a constituição da individualidade dos escritores, após a independência nacional, nos anos de 1970.

Nas ficções das áfricas lusófonas, as experiências migratórias são vivenciadas de maneiras diferentes e podem provocar reações as mais diversas, tanto naquele que retorna ao seu lugar de origem quanto nos que o recebem. No caso de Cabo Verde, esse sentimento de entre-lugar próprio do cabo-verdiano é revelado por Baltasar Lopes na epígrafe de seu romance *Chiquinho* que diz em

---

<sup>3</sup> Tradução nossa: Os padrões tumultuosos de deslocamentos sociais, culturais e econômicos do capitalismo global e da interação complexa de relações de poder dentro e entre Estados-nação tem sido frequentemente associado com a criação de vastos sistemas globais de relações culturais, econômicas e sociais interligados e do descentramento do pessoas, objetos e ideias que se movem através da 'hipermodernidade' do capitalismo tardio. [...] Imagens de disjunção e a proliferação de identidades em movimento substituem marcadores 'essenciais' de identidade e de fronteira. A figura mais comumente associado com as fronteiras e zonas intersticiais deste mundo, às vezes presos entre espaços nacionais reconfigurados, são o migrante, das comunidades da diáspora.

crioulo: “*Corpo, qu’ê nêgo, sa ta báí; Coraçom, qu’ê fôrro, sa ta fica...*”<sup>4</sup> (LOPES, 1986). Pensando dessa forma, podemos tecer um pequeno esboço da presença temática da diáspora nas literaturas dos PALOP.

Na literatura angolana, o tema do retorno após longo exílio remonta à publicação da primeira obra impressa em Angola. O livro *Espontaneidades da minha alma: às senhoras africanas*, de José da Silva Maia Ferreira, de 1842, é uma coletânea de poemas típicos da época, marcado pela assimilação cultural e influência de Gonçalves Dias, principalmente no tom de saudade herdado de seu poema mais conhecido, “Canção do exílio”.

Na prosa, a diáspora é tema desde os primeiros folhetins. A obra *Nga Muturi*, de Alfredo Troni<sup>5</sup>, de 1882, descreve um retrato da sociedade angolana do final do século XIX. O romance, influenciado pelo realismo queirosiano, narra a trajetória da personagem Andreza, menina “negra de cor clara”, da zona rural angolana, arrancada de sua família para servir de criada e concubina a um colono branco na cidade de Luanda, como forma de pagamento de uma dívida.

As gerações seguintes também trarão o desenraizamento diaspórico como um dos temas que alimentam sua produção – principalmente daqueles que, por motivos diversos, tiveram que abandonar a terra onde nasceram, como é o caso de Inácio Rebelo de Andrade, e a poesia de Ernesto Lara Filho, ambos da geração *Bailundo*.

O arquipélago de Cabo Verde é considerado o mais diaspórico das Áfricas lusófonas. Sua própria formação denuncia o caráter crioulo dos espaços diaspóricos: as ilhas, a princípio inabitadas, foram colonizadas por povos de diversos lugares e etnias e seus habitantes entregues ao processo de amalgamento racial e cultural. Talvez por esse motivo, e por outros de caráter climático, o impacto do colonialismo

---

<sup>4</sup> “O corpo, que é escravo, vai; o coração, que é livre, fica...”.

<sup>5</sup> Alfredo Troni nasceu em Coimbra, Portugal, em 1845, mas, obrigado a deixar seu país por causa de suas ações políticas, radicou-se em Angola, onde morreu, na cidade de Luanda, em 1904. Lá procurou integrar-se à cultura local, produzindo jornais bilíngues, em português e quimbundo, e, como bacharel em direito, defendeu os nativos, o que lhe rendeu perseguições políticas por parte das autoridades portuguesas em Angola. É considerado um dos pioneiros da narrativa angolana e um dos autores fundacionais na formação do romance angolano, junto com António de Assis Júnior, Óscar Ribas e Castro Soromenho (CHAVES, 1999).

não tenha sido tão drástico, impulsivo, violento e dramático como nos outros países que compõem o PALOP – embora Portugal tenha criado condições bem peculiares para o surgimento de uma elite intelectual, da imprensa e da literatura em Cabo Verde. É só observarmos rapidamente os títulos das obras e dos poemas dos escritores caboverdianos para termos uma ideia do quanto a diáspora é uma quase obsessão e o apelo da distância muito forte para quem vive nas ilhas: “Hora di bai” é o título de um famoso poema/morna de Eugénio Tavares, como também de um romance de Manuel Ferreira; “Terra longe”, poema de Pedro Corsino; “Caminho longe”, título homônimo de poemas de Ovídio Martins, Onésimo da Silvera e Gabriel Mariano; *Cais de ver partir*, romance de Nuno Miranda; *Viagem para além da fronteira*, de Teobaldo Virgínio; entre inúmeros outros.

Aqui também merece destaque a curtíssima produção literária de Orlanda Amarílis. A autora recorre ao tema para ecoar, através das personagens, especialmente as femininas, o sentimento doloroso de desgarramento da terra-mãe (ou madrasta, muitas vezes), com o problema do desemprego e das condições climáticas; e a difícil situação do imigrante na ambiguidade em relação ao exílio, marginalizados, e submetidos a uma sociedade onde representam a força de trabalho barata, bem como as violências sofridas pela radical diferença cultural enfrentadas entre eles e os habitantes locais.

Na literatura bissau-guineense, as condições de vida do migrante no estrangeiro são o tema de Filinto de Barros no romance *Kikia Matcho*, cuja personagem homônimo sofre as consequências de quem, deixando seu lugar de origem, vai à metrópole à procura de uma vida melhor.

Semelhante à formação da sociedade angolana, em Moçambique uma elite mestiça que aos poucos se apoderou do poder e foi um fator importante na emergência de uma literatura que atravessa as fases do colonialismo artístico e atinge sua maturidade no pós-guerra. Mas só a partir da década de 60, coincidente com os primeiros anos de guerrilha, a literatura moçambicana apresenta um acentuado desenvolvimento. Nesta década são publicadas as obras *Nós matámos o cão tinoso* (1964), de Luís Bernardo Honwana, e o *Portagem* (1965), de Orlando Mendes, produções literárias que documentam a opressão do colonizado e se



situam no contexto de discriminação racial e econômica que se vivia na então colônia lusa.

Após a independência, surgem novos autores ao redor da revista *Charrua*, fundada em 1984, que permitiu o desenvolvimento de novas práticas de escrita na prosa e na poesia. Esta geração procurava eliminar as dicotomias existentes entre o mundo moderno e a tradição, entre a literatura e a oralitura, e outros temas dicotômicos muito característicos do ranço colonial. Em meio a essa geração, destaca-se a produção literária de Lília Momplé, João Paulo Borges Coelho, Mia Couto e Paulina Chiziane. Neles estão presentes os ecos das tradições moçambicanas e as novas vias estéticas importadas da metrópole, entre o conto e o romance.

### **Olinda Beja: exílio e memória da *terra mater***

Maria Olinda Beja nasceu na cidade de Guadalupe, no arquipélago de São Tomé e Príncipe, em 1946. Ainda criança, com apenas dois anos de idade, deixou sua terra natal para ir morar na fria região da Beira Alta, em Portugal, onde se licenciou em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade do Porto. Atualmente, além da função de professora de Língua e Cultura Portuguesa que desenvolve em Lausanne, onde mora na Suíça, Beja é assessora cultural da Embaixada de São Tomé e Príncipe e uma incansável agitadora cultural tendo seus textos publicados em revistas nacionais e estrangeiras.

A obra de Olinda Beja tem sido avaliada de maneira positiva e recebido elogios pela crítica especializada. Seus livros são objeto de estudo de vários trabalhos acadêmicos, incluindo dissertações de mestrado e teses doutorais. Apesar disso, sua obra em prosa ainda não teve no Brasil a devida atenção. Recentemente, em 2013, a autora foi galardoada com o prêmio da primeira edição do concurso literário Francisco José Tenreiro pela obra *A sombra do Ôcá*, por estabelecer um paralelo com as preocupações que o maior poeta santomense tinha relativamente à realidade de sua terra e os aspectos socioculturais que a permeiam, como declarado pelo júri do concurso. Dentre seus principais livros, destacam-se algumas obras em diversos gêneros:

- Na poesia: *Bô Tendê?* (1992) ; *Leve, Leve* (1993); *No país de Tchiloli* (1996); *Paga dêvé* (poemas com fotografias, 2000); *Quebra-Mar* (2001); *Água Crioula* (2002); *Aromas de Cajamanga* (2009); *O Cruzeiro do Sul* (2011).
- Na prosa: *15 Dias de Regresso* (romance, 1994); *A Pedra de Villa Nova* – (romance, 1999); *Pingos de Chuva* (conto poético, 2000); *A Ilha de Izunari* (romance, 2003); *Pé-de-Perfume* (contos, 2004); *Estórias da Gravana* (narrativas, 2008); *A casa do pastor* (contos, 2011); *Um grão de café* (conto para crianças, 2013).

Apesar de estar ausente de sua terra natal na distância espaço-temporal, a obra da escritora santomense está ligada a sua profunda busca da origem, evocada na infância e que, na vida adulta, se afirma através de uma identidade crioula. De acordo com Amarino Oliveira de Queiroz (2007, p.203), a obra de Beja está marcada por questões

[...] relacionadas à interseção entre a oralidade e a escrita, à identidade cultural híbrida do povo santomense, à própria experiência pessoal da emigração, assim como às preocupações de ordem social, política e ambiental, que se colocaram para o país no passado e que se colocam com similar força na contemporaneidade [...].

A experiência da diáspora nas literaturas africanas de língua portuguesa está presente em *15 dias de regresso*. O romance em análise, espécie de ficção autobiográfica, retrata poeticamente a experiência de retorno às raízes, sua *homeland*. Olívia-Xininha<sup>6</sup>, mulata, protagonista da obra, vive esta experiência de alguém que sempre esteve dividida entre dois universos, o branco e o negro<sup>7</sup>. Destacamos aqui o efeito da dupla inscrição no nome da personagem,

<sup>6</sup> É interessante observarmos no nome duplo da personagem a representação crioula de sua identidade que vai se transformando e sendo (re)construída ao longo da narrativa: Olívia, pelo lado paterno, a Europa; Xininha, materno, a África.

<sup>7</sup> A relação entre brancos e negros vivendo juntos em STP remonta ao início da colonização. Na sua maioria a comunidade branca era constituída de homens que viviam com mulheres africanas e seus filhos mestiços, alforriados por decreto real de 1515. Dois anos mais tarde, também foram alforriados os homens africanos que chegaram junto com os colonos, surgindo um importante grupo dos africanos livres chamados de “forros”, responsáveis pela sociedade e economia de STP. Consequentemente, essas relações levaram os habitantes das ilhas à mistura dos elementos culturais africanos e europeus, resultando numa sociedade crioula, com sua língua e sua cultura.

representando sua identidade crioula a partir da confluência das duas matrizes culturais: Olívia, pelo lado paterno, representando a identidade do português; Xininha, pelo materno, do santomense.

Assim como na narrativa de Inácio Rebelo de Andrade, a personagem do romance *15 dias de regresso* é fruto de uma relação entre um português e uma africana, uma santomense, neste caso, e é levada muito cedo para a região da Beira Alta, Portugal, longe da terra natal, da mãe e de toda a família. Muito comum entre filhos e filhas de portugueses, ou como uma estratégia de assimilação das elites intelectuais africanas, a ida para a Europa sempre vinha como uma oportunidade de estudar.

No entanto, apenas trinta e sete anos depois é que volta à África, a contragosto, por insistência da irmã, para conhecer suas raízes, a família materna e visitar a mãe que tanto sofria com a longa ausência da filha.

Minha irmã recolhia as malas e sorria feliz. Mas eu não. Eu não tinha motivos para estar feliz. Durante trinta e sete anos vivera longe da terra natal, da mãe, dos irmãos, dos tios, dos primos... Para quê desenterrar agora o passado? Trinta e sete anos é muito tempo, trinta e sete anos é quase uma vida, é o tempo de nascer, de amar, de percorrer estradas e caminhos e por vezes até de chegar ao fim da estrada. Que proveito poderia eu tirar daquela viagem? Arrependi-me. Se o arrependimento matasse eu morreria ali mesmo. Tive uma vontade imensa de chorar e de não sair do avião até ao próximo voo para Lisboa. Mas tal como os outros passageiros, fui obrigada a respirar o ar nocturno das terras da África. (BEJA, 2007, p.13).

Mulata, cheia de preconceitos, fruto da longa estada em Portugal e de um processo de assimilação dos valores etnocêntricos, bem como de uma luta interna entre suas partes branca e africana, Xininha mantinha-se apegada ao seu lado paterno, português e europeu, e às verdades que lhe impuseram e fizeram acreditar. O mulato, aqui novamente, não pertence nem ao universo do negro, nem muito menos ao do branco, uma vez que, para este, está contaminado com o sangue degenerativo de uma “raça inferior”. No entanto, para ser integrado no espaço social do branco, ele precisa abdicar de suas raízes e deixar-se colonizar integralmente pela cultura do outro, considerada superior. É nesse sentido que a protagonista do romance *15 dias de regresso* se reconhece nesta encruzilhada cultural:

*Revista Milba*, n. 1, v.1, out.2015/mar.2016  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
<http://journals.ufrpe.br/index.php/milba>

Eu sabia que não era uma europeia. Tinha plena consciência disso. Mas sabia também que já não era uma africana. Voltar às origens, ao húmus de mãe-África, uma vez perdidos os contactos, tinha o sabor de uma visão algo remota, algo inverossímil. [...] Para mim África estava para lá do infinito, era “a terra da perdição, a terra onde iam os homens brancos e lá ficavam, enfeitiçados sem se saber como nem por quem, era um sumidouro donde ninguém mais saía.” Nesse tempo era essa a imagem que o Portugal colonial passava do continente africano mostrando sempre o português como o anjo salvador de um mundo onde homens negros e feras tinham comportamentos iguais e aspectos físicos semelhantes. (BEJA, 2007, p.23-4)

A resistência em conhecer seu passado, em visitar a família materna em África, reside num longo processo de aculturação que sofreu durante sua formação estudantil na velha Europa. Foi lá onde Olívia, que desconhecia por completo a África, aprendera a temer os “pretos selvagens” que tinham comportamento e semelhanças físicas iguais das feras. Ela via a parte da sua família paterna, os Veigas, branca, europeia, como infalíveis e incorruptíveis, e, por esses motivos, procurava se aproximar culturalmente deles, “imitando-os”. Dessa maneira, na tentativa de se parecer cada vez mais com o colonizador, o sujeito nega a si mesmo, seu passado, suas tradições culturais, e assimila, entusiasticamente, a língua, a cultura e os costumes ocidentais, toda a ideologia do colonialismo:

Rejected by the colonizer, they share in part the physical conditions of the colonized and have a communion of interests with him; on the other hand, they reject the values of the colonized as belonging to a decayed world from which they eventually hope to escape. The recently assimilated place themselves in a considerably superior position to the average colonizer.<sup>8</sup> (MEMMI, 2003, p.59-60).

No entanto, aos poucos, a viagem física da protagonista acaba transformado-se também em viagem às raízes da memória, travessia no cronotopos de uma identidade crioula. Enquanto o mundo europeu vai tornando-se um ponto

---

<sup>8</sup> Tradução nossa: Rejeitados pelo colonizador, eles dividem, em parte, as condições físicas do colonizado e têm uma comunhão de interesses com ele; do outro lado, rejeitam os valores do colonizado por pertencer a um mundo em ruínas do qual eles eventualmente esperam escapar. Os recém assimilados se colocam em uma considerável posição superior ao colonizador mediano.

cada vez mais pequeno e distante, Olívia-Xininha começa a (re)conhecer sua terra natal, sons, ritmos, lirismo, sabores e encantos e a render-se à África, paraíso tão belo e ao mesmo tempo estranho.

Apesar de já conhecer alguma família, Olívia estava perturbada. Não esperava tamanha recepção. Será sempre assim quando se regressa a casa ao fim de trinta e sete anos de ausência? Acontece às vezes que, sem nós querermos, pegam em nós, enviam-nos para outras terras, onde em comum temos só um nome ou um apelido. Dizem-nos então que, por uma questão de hierarquia social ou de vergonha, já não somos daquele lugar que deixamos, que é preciso passar uma esponja no passado, que não interessa contarmos aos outros quem somos ou donde viemos ou onde nascemos. Tudo o que vimos ficou para trás e deve ser apagado da retina e da memória mas se a memória continuar bem viva deve então abrir-se um buraco na terra, fundo, bem fundo, onde se esconda o que não convém que os outros saibam. Mas o destino é infalível. Infalível e cruel. Por vezes sarcástico também. Quando menos se espera, reaviva a memória como quem chega um fósforo a folha seca e deixa-se ficar ao longe, a gozar o espectáculo do fogo primitivo. Assim fez Olívia. Assim fazem com todos os que se esquecem das suas raízes. (BEJA, 2007, p.86)

Durante as duas semanas em que estive de volta à sua terra natal, Olívia-Xininha se aproxima cada vez mais de suas origens, mas, ao mesmo tempo, percebe que esse movimento de redescoberta de si, não era apenas um chegar ali e ir embora, mas sim um aprofundamento no “húmus de mãe-África”, o que ela procura fazer ao longo do tempo em que passa com a família – e nesse sentido entender família não apenas no sentido nuclear, mas também extensiva.

Essa transformação de Olívia em Xininha leva a protagonista de volta às raízes desconhecidas de sua infância, instaurando um sentimento de pertença àquela comunidade, àquela família, que só poderia ser resgatado através da relação maternal com a sua mãe e com a sua terra. Aos poucos Xininha vai se aproximando de sua mãe, ao mesmo tempo em que se aproxima e faz despertar o ritmo africano que estava bem dentro dela, adormecido durante anos num casulo etnocêntrico, como podemos ver nos excerto abaixo:

Olívia sentia agora no seu peito um bater diferente, um bater de coração que começa a querer desligar-se de uma parte que já viveu.

*Revista Milba*, n. 1, v.1, out.2015/mar.2016  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
<http://journals.ufrpe.br/index.php/milba>

Certas coisas que tinha visto e feito na velha Europa estavam a querer desmoronar-se, a perder sentido, a distanciarem-se no horizonte da sua dupla existência. É em África que repousam todas as raízes da nossa memória dilatando-se terra adentro numa sensação de eternidade. Por isso Olívia compreendia agora por que razão muitos portugueses iam e ficavam numa rendição total aos seus encantos e lá teriam permanecido para sempre se a guerra colonial não tivesse aparecido a meio dos seus percursos. (BEJA, 2007, p. 179)

No último dia de sua visita, perto de seu retorno para a antiga metrópole do império luso, Olívia-Xininha percebe que, por mais que quisesse negar, seus laços identitários com a África, outrora negados e minimizados pelo lado da família paterna, são realçados no reconhecimento de características de sua identidade. Em decorrência dessas relações, podemos dizer que a protagonista vive em “(...) momentos de entrelaçamento de valores, culturas, ideias, políticas, religiões, etc., e combinações que estão sempre em processo de negação, assimilação, revisão, reapropriação (...)” (CANCIAN, 2007, p.6), como podemos perceber no excerto abaixo.

Raízes... Foi esta palavra tão simples mas tão forte que, finalmente, me despertou e me demoveu daquela letargia em que me encontrava. Afinal eu tinha as minhas raízes do outro lado do mar, numa ilha que, sem eu saber, estava toda à minha espera, numa casa de madeira com telhado de zinco onde lá dentro estava uma mulher cheia de esperança de me rever! Raízes... Por mais que eu quisesse não podia negá-las nem cortá-las. Bastava ver-me ao espelho, os olhos amendoados, o cabelo encarapinhado, os lábios grossos, a pele escura, afinal tudo me remetia para a minha verdadeira identidade, para a minha África que, consciente ou inconscientemente, por um capricho de um homem, eu não tinha guardada no baú de lembranças. Hoje pergunto a mim própria como há filhos que podem negar as mães e mães que podem negar os filhos... Há cordões umbilicais que nunca se cortam nem se desatam por mais distantes que vivamos deles... (BEJA, 2007, p. 225)

No contexto de análise da obra, percebemos que o processo de diáspora da protagonista tem suas origens na relação com o lado paterno, o do colonizador, representado pela saída forçada de seus lugares de origem, na “falsa” busca por melhores condições de vida e educação na metrópole, sem a certeza de um dia poder voltar.

## Conclusão

O romance *15 dias de regresso*, da escritora santomense Olinda Beja, retrata uma experiência do retorno às raízes. Mulata de nascimento, Olívia-Xininha, protagonista da obra, vive dividida entre dois universos distintos e que representam as matrizes de sua identidade crioula: a do branco, pelo lado paterno; e a do negro, pelo materno. Aqui o drama do mestiço, daquele que habita dois mundos, problematiza essas relações a partir do retorno ao lugar de origem, sua *homeland*. De volta às suas raízes, a personagem transforma essa viagem em redescoberta das origens no “húmus de mãe África” e que ela procura fazer através do exercício da memória. Dessa forma, no romance, a memória funciona como mola propulsora da descoberta de uma identificação adormecida pelo casulo etnocêntrico e que, aos poucos, vai dando lugar aos entrelaçamentos culturais. Por fim, o enredo estabelece uma relação de trânsito cultural evidenciada pelo conjunto de valores da personagem no *cronotopos*. Presente e passado, aqui e lá, assim se atualizam através da memória e se entrelaçam na busca pelo reconhecimento e construção de uma identidade crioula.

## REFERÊNCIAS

- BEJA, Olinda. **15 dias de regresso**. Coimbra: Pé de Página, 2007.
- CANCIAN, Juliana Ragozzini. **O contexto da diáspora na construção da identidade cultural**: a experiência do personagem José Viana, do romance *Sem Nome*, de Helder Macedo. 2007. Disponível em: <<http://bocc.unisinos.br/pag/cancian-juliana-contexto-da-diaspora.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2014.
- CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**: entre intenções e gestos. São Paulo: FBLP; Via Atlântica, 1999.
- FERREIRA, Eduardo de Sousa; LOPES, Carlos M.; MORTÁGUA, Maria João. **Diáspora Angolana em Portugal**: Caminhos de Retorno. Cascais, PT: Príncipia Editora, 2008.

- HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora. In.: MIRZOEFF, Nicholas (Org.). **Diaspora and visual culture**. London/New York: Routledge, 2000. p.21-33.
- KOSER, Khalid. New African Diasporas: an introduction. In.: KOSER, Khalid (Org.). **New African Diasporas**. London and New York: Routledge, 2003. p.1-16.
- LOPES, Baltasar. **Chiquinho**. São Paulo: Ática, 1986.
- MEMMI, Albert. **The colonizer and the colonized**. London, UK: Earthscan, 2003.
- MONLOUBOU, L. DU BUIT, F. M. **Dicionário bíblico universal**. Petrópolis, RJ: Vozes; Aparecida, SP: Editora Santuário, 1996.
- QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **As inscricuras do verbo**: dizibilidades performáticas da palavra poética africana. 2007. 310 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- QUEIROZ, Maria José de. **Os males da ausência**: ou a literatura do exílio. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- SAFRAN, William. Las diásporas en las sociedades modernas: mitos de la patria y el retorno. In.: GOLUBOV, Nattie (Org.). **Diásporas**: reflexiones teóricas. Mexico: Ed. Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2011. p.31-50.
- TÖLÖLYAN, Khachig. Diáspora studies: past, present and promise. **IMI Working Paper Series**, 2011a, n. 55, p.1-14.
- \_\_\_\_\_. La reconsideración de Diaspora y las diásporas: poder sin Estado en el momento transnacional. In.: GOLUBOV, Nattie (Org.). **Diásporas**: reflexiones teóricas. Mexico: Ed. Universidad Nacional Autónoma de Mexico, 2011b. p.51-84.